

# PERFIL DOS IDOSOS E IDOSAS DO ASSENTAMENTO GLEBA XV DE NOVEMBRO – PONTAL DO PARANAPANEMA – SP

Danitielle Cineli Simonato<sup>1</sup>  
Sonia Maria Pessoa Pereira Bergamasco<sup>2</sup>

## RESUMO

O envelhecimento é um hoje uma realidade na sociedade brasileira seja ela urbana ou rural. Desta maneira, este estudo tem por objetivo compreender o processo de envelhecimento de idosos e idosas em Assentamentos de Reforma Agrária do Pontal do Paranapanema – SP. Assim, este artigo visa apresentar o perfil dos idosos (as) do Assentamento Gleba XV de Novembro, localizado entre os municípios de Euclides da Cunha Paulista e Rosana – SP. O Assentamento possui 571 lotes que variam entre 13 a 40 hectares. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário semiestruturado que contou com 20 questões, como: gênero, estado civil, idade, religião, entre outros. Foram entrevistados 61 idosos (as). Os resultados demonstraram que 52% dos idosos eram mulheres, e que a maioria dos entrevistados (as) estava na faixa etária entre 60 a 69 anos (54%). Em relação ao estado civil, 77% dos idosos (as) são casados e 92% residem no Assentamento há mais de 20 anos. Quando inquiridos sobre sua origem, (campo ou cidade), 61% responderam ser do meio rural. Sobre a questão religiosa, 65% dos entrevistados (as) eram católicos. Já em relação à aposentadoria, 95% dos entrevistados (as) recebem o benefício. Desta forma, concluímos que de modo geral a amostra idosos e idosas pesquisadas são em sua maioria mulheres, contrapondo outros trabalhos que afirmam que a velhice no meio rural é um fenômeno masculinizado. Já em relação à faixa etária, a maioria dos idosos (as) do Assentamento Gleba XV de Novembro são considerados idosos mais jovens por estarem entre 60 a 69 anos, outro aspecto importante é o fato de que a maioria dos idosos (as) são aposentados (as), lhes conferindo segurança e garantia mínima de renda, bem como uma razoável qualidade de vida e permanência no campo.

**Palavras Chaves:** Envelhecimento Populacional; Velhice; Reforma Agrária

## 1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento de homens e mulheres se intensificou nas últimas décadas em todo o mundo, desde sociedades mais desenvolvidas e subdesenvolvidas. Essa nova realidade é um marco mundial de transição demográfica, onde em pouco espaço de tempo assistimos um encurtamento da base da pirâmide etária e um alargamento de seu topo.

Esse fato demanda novas posturas da sociedade em geral, e, principalmente, do poder público para encarar a crescente parcela de sujeitos que poderão agora, passar ainda décadas nessa fase do envelhecer e que para além das demandas mais costumeiras como saúde e previdência social, necessitam viver este período prolongado em anos com qualidade de vida e dignidade.

Essa parcela crescente da população carrega consigo, mais do que o pesar dos anos e o agrisalhar dos cabelos, a experiência e histórias de vida, trajetórias e itinerários diversos possuem, fazem com que a velhice seja um processo rico e heterogêneo.

Para se ter uma ideia desta realidade, no mundo há cerca de 900 milhões de idosos. Na América Latina e Caribe a população idosa já alcança o patamar de 73,5 milhões de pessoas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Engenharia Agrícola – Feagri/Unicamp – E-mail: dani\_simonato@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professora Titular – Faculdade de Engenharia Agrícola/Unicamp - E-mail: sonia@feagri.unicamp.br

com 60 anos ou mais, o que representa 11,5% da população total (ONU, 2016). O contingente de idosos no Brasil cresce a cada ano, segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – Contínua) em 2017 o número de idosos e idosas ultrapassou os 30,2 milhões de pessoas (BRASIL, 2017).

As três taxas que ilustram estas transformações são: a taxa de fecundidade, a taxa de mortalidade e a expectativa de vida ao nascer. A taxa de fecundidade diz muito sobre a dinâmica da população, pois mede o número médio de filhos nascidos vivos que uma mulher teria ao fim do seu período reprodutivo como também representa a recomposição populacional de um país. Neste quesito entre os anos de 2005 e 2015 a taxa de fecundidade no Brasil caiu de 2,09 filhos por mulher para 1,72 filhos por mulher (IBGE, 2016).

A taxa de mortalidade também é um componente demográfico que explica o número de mortes em média por mil habitantes. A queda desta taxa evidencia os avanços e mudanças nas condições médico-sanitárias, socioeconômicas e tecnológicas. Por último, a expectativa de vida ao nascer ou esperança de vida é um componente demográfico que consiste na estimativa do número de anos que se espera que um indivíduo possa viver. Sendo assim, a expectativa de vida para o brasileiro passou de 72,0 anos em 2005 para 75,4 anos em 2015.

Como se vê, a população de idosos cresceu vertiginosamente nas últimas décadas no Brasil devido ao avanço em vários campos (econômicos, sociais, políticos e culturais) e isso refletiu na qualidade de vida de toda população, sobretudo a de idosos. No entanto, vale elucidar que, diferentemente dos países europeus onde o envelhecimento ocorreu de forma lenta, progressiva e planejada com distribuição de renda e diminuição das desigualdades sociais, na América Latina, com destaque ao Brasil, esse crescimento da população idosa ocorreu de forma rápida e desordenada, colocando em xeque toda a estrutura social e econômica, como as políticas públicas e a previdência social (NASRI, 2008).

O processo de envelhecimento tem de ser encarado como qualquer outra fase da vida, como a infância, a juventude, a vida adulta. No entanto, o que se viu até o final do século XX foi a velhice sendo encarada de forma discriminatória, pessimista e alarmista, carregado de estereótipos, que traria à sociedade de modo geral uma carga social, seja no sistema econômico, no sistema de saúde e, sobretudo, no sistema previdenciário, acarretando uma crise sistêmica sem precedentes (GONZALEZ, 2014)<sup>2</sup>.

Esse olhar da sociedade ocidental que está arraigada nos moldes capitalistas de produção, encara o velho como um indivíduo que perdeu seu papel social, vive seu declínio de vida e decrepitude de seu organismo (BORGES, 2007).

Todavia, o olhar em torno do envelhecimento vem mudando gradativamente, já que, até pouco tempo atrás o envelhecer era visto de forma homogênea, ou seja, o idoso era visto sem suas características peculiares em termos culturais, regionais, de classe social, de envelhecimento ativo. Hoje já se considera o idoso de forma heterogênea, plural, multidimensional onde cada indivíduo ou grupo de indivíduos possui intrinsecamente estratégias, modos e trajetórias de vida diferentes.

Sobre o ser idoso e sua heterogeneidade,

A heterogeneidade desse segmento extrapola a da composição etária. Dadas as diferentes trajetórias de vida experimentadas pelos idosos, eles têm inserções distintas na vida social e econômica do país. A heterogeneidade do grupo de idosos, seja em termos etários ou socioeconômicos, traz também demandas diferenciadas, o que tem rebatimento na formulação de políticas públicas para o segmento (CAMARANO, KANSO e MELLO, 2004, p.25).

---

<sup>2</sup> Este fato é hoje uma das grandes polêmicas no Brasil da era Temer (2016 a 2018).

Sabe-se que existe uma diferenciação de idade para idosos nos países, ou seja, em países em desenvolvimento idosos são indivíduos de idade igual ou superior a 60 anos, já em países desenvolvidos idosos são indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos.

Em termos conceituais o envelhecimento é visto de várias maneiras, no entanto, o critério mais utilizado para definir esta categoria, no caso dos idosos, é a lógica cronológica. Porém, existem outras visões sobre o envelhecimento como: biológico, psicológico, fisiológico, social, físico, dentre outros.

Em relação à situação domiciliar da população, dados do IBGE (2016) revelaram que 84% da população brasileira residem em áreas urbanas, contra 16% que vivem na zona rural. Embora se constate nos últimos anos um número decrescente de pessoas vivendo no campo, há que se considerar a importância desta população, quanto a sua diversidade e peculiaridades, donde se originaram as intenções centrais desta pesquisa.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi conhecer o perfil dos idosos e idosas do Assentamento Gleba XV de Novembro, como gênero, estado civil, origem, religião, aposentadoria, entre outros.

## **2. CAMINHO METODOLÓGICO**

### **2.1 Escolha Amostral e Instrumento de Pesquisa**

O primeiro passo metodológico adotado foi à escolha do universo amostral. Desta maneira, primeiramente, foi identificadas todas as famílias que possuíam idosos (indivíduos com idade igual ou maior de 60 anos) em sua constituição e destas foram escolhidas 10% aleatoriamente para serem entrevistadas, totalizando 61 idosos e idosas.

O instrumento de pesquisa que foi adotado para conhecer esses idosos e idosas foi o questionário semiestruturado. Para Gil (2005) o questionário é uma técnica de pesquisa das mais utilizadas consistindo em um instrumento de coleta de informações que apresenta muitas vantagens, pois possibilita de forma rápida o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras.

Tecnicamente falando, o questionário constitui um meio de obter respostas sobre determinado assunto de maneira que o respondente forneça as informações de seu domínio e conhecimento. Por outro lado, todo questionário deve ser impessoal, para assegurar a uniformidade na avaliação de uma situação (CERVO e BERVIAN, 1996).

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior denominada: "Poeira do Tempo: O envelhecer de idosos e idosas rurais em Assentamentos do Pontal do Paranapanema – SP". O questionário possuía 90 questões em sua totalidade, dividido em seis blocos, a saber: Identificação; Perfil da Unidade de Produção; Infraestrutura e Bens Materiais, Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA); Saúde e Recursos e Bem Estar Social.

Todavia, para este artigo serão apresentados resultados iniciais do Perfil/Identificação dos Idosos e Idosas pesquisados, que versava sobre: gênero, estado civil, origem, religião, aposentadoria, escolaridade, entre outros. A análise estatística de dados foi feita através de estatística simples.

### **2.2 Local do Estudo – Assentamento Gleba XV de Novembro**

O Assentamento Gleba XV de Novembro foi resultante da luta de trabalhadores das então recém finalizadas Hidrelétricas de Rosana e Porto Primavera no início da década de 1980, pertencentes a extinta. A finalização destas obras deixou um enorme contingente de trabalhadores desempregados que se aliaram a pequenos agricultores e posseiros a fim de reivindicar terras e melhores condições de vida

Assim, no dia 15 de Novembro de 1983, cerca de 800 trabalhadores, advindos dos municípios de Rosana, Euclides da Cunha Paulista, Teodoro Sampaio, Mirante do Paranapanema, e de outros municípios de São Paulo e do Paraná, realizaram o primeiro levante e posterior ocupação na região do Pontal do Paranapanema.

Esses trabalhadores adentraram as fazendas Tucano e Rosanela do município de Teodoro Sampaio, reivindicando sua desapropriação para que lá pudessem plantar e viver. Desta maneira, os trabalhadores montaram dois acampamentos um no trevo de Euclides da Cunha Paulista às margens da Rodovia Arlindo Bétio, SP 613 e outro em uma área da CESP localizada na Vila de Porto Primavera.

Diante da pressão, o governo do Estado de São Paulo Franco Montoro, alegando a importância da causa desapropriou uma área equivalente a 15 mil hectares em 1984. Assim, essa área desapropriada deu origem ao Assentamento Gleba XV de Novembro. Desta forma o Assentamento Gleba XV de Novembro foi dividido em 5 setores, em 571 lotes que variam entre 13 a 40 hectares (lotes de pecuária).

A infraestrutura do Assentamento conta com barracão comunitário, campo de futebol, três postos de saúde, três escolas estaduais que atendem de 1º do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, igrejas de várias denominações, além de um pequeno comércio nas áreas de Agrovila.

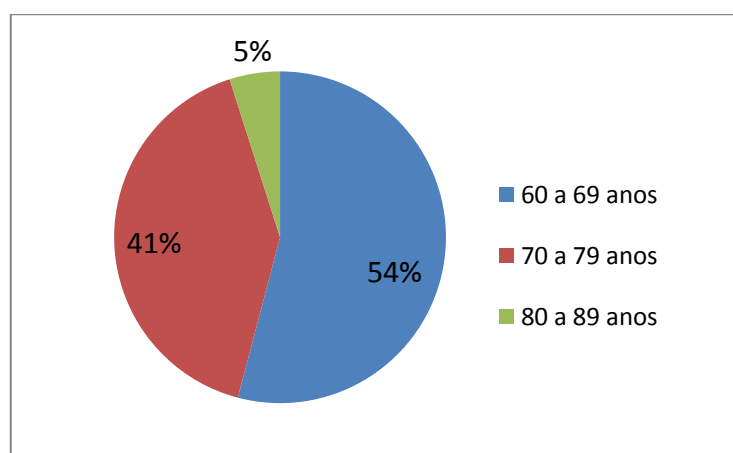
A terra esta sob jurisdição do Instituto de Terras do Estado de São Paulo – ITESP que presta serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER, além de contar com apoio de Grupos de Extensão e Pesquisa advindos da Universidade Estadual Paulista - UNESP campus de Presidente Prudente e do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir estarão explicitados os resultados e a discussão do presente trabalho.

Em relação à faixa etária dos idosos (as), 54% deles estão na faixa de 60 a 69, seguidos por idosos (as) na faixa etária de 70 a 79 anos (41%), evidenciando que o processo do envelhecimento no Assentamento Gleba XV de Novembro seja evidente, este por sua vez, tem como maioria idosos considerado jovens, ou seja, que estão experimentando os primeiros anos da velhice (Figura1).

Figura 1 – Distribuição da Faixa Etária dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Em relação ao gênero, 52% dos entrevistados eram mulheres. Este dado mesmo que esteja representando apenas um assentamento no Pontal do Paranapanema é interessante pensar sobre ele, já que muitos autores evidenciam que no meio rural o gênero predominante

seja o masculino, ou seja, o campo sofre um processo de masculinização, sobretudo dos mais jovens, mas este cenário pode estar se modificando, necessitando de estudos mais amplos e profundos para corroborar este dado do Assentamento Gleba XV de Novembro.

A questão de gênero quando se fala de envelhecimento é muito marcante, estudos de Lebrão e Duarte (2003) como estudos de Camarano, Kanso e Mello (2004) apontam que a velhice no meio urbano é cada vez mais feminina, ou seja, as mulheres chegam em maior número na velhice, bem como, quando analisado os idosos mais velhos, elas também estão em maior número.

A questão da masculinização do campo pode estar relacionada a migração rural-urbana das mulheres, predominando assim a permanência de homens no campo. Esse fenômeno pode denotar uma situação de abandono para com os idosos do sexo masculino, diminuindo assim sua rede de apoio.

Melo e Kreter (2014 p. 05) sobre a masculinização da população rural, corrobora que:

Uma possível explicação para a *masculinização* da população rural está nos elevados índices migratórios campo-cidades, com a predominância de jovens e, entre eles, de mulheres. De forma complementar, existe também problemas ligados à sucessão geracional nos estabelecimentos familiares, seja pela dificuldade de encontrar sucessor entre os filhos dos proprietários, seja pelos conflitos entre os herdeiros legais em torno da partilha do patrimônio familiar. Além disso, existe a preferência pela sucessão masculina, que reforça a condição secundária das mulheres no arranjo domiciliar, e sua dificuldade de acesso à terra. Essas evidências podem ter contribuído para a expulsão delas ainda na juventude da zona rural.

A preocupação com a questão do envelhecimento populacional e, em especial, com o feminino, decorre da vulnerabilidade desse grupo, tanto do ponto de vista econômico, como da saúde e da perda de autonomia. Esse estágio de vida é marcado pela retirada deles/delas da atividade econômica, seguido de altas taxas de morbidade, ocasionadas principalmente por doenças crônicas

Outros estudos que se debruçam nesta perspectiva são Abramovay et al (1997) que explicam que a migração de mulheres das áreas rurais para áreas urbanas é comum pelo fato de que muitas vão em busca de emprego, no setor de serviços, podendo até trabalhar como domésticas, no entanto, a expectativa desta migração para o meio urbano está recheada de sonhos, desde emprego, a oportunidade de estudo e “melhor qualidade de vida” Muitas vezes o trabalho no campo não é exaustivo e não valorizado. Por mais que estejamos no século XXI, há fortes disparidades no que se diz respeito à valorização e reconhecimento do trabalho da mulher, sobretudo no meio rural.

Estudos de Froehlich *et al* (2014, p. 28) apontam que:

a gravidade do processo de masculinização rural está nas implicações da diminuição da presença feminina neste contexto social, que pode modificar a forma de conviver das comunidades, comprometer a formação da família e, portanto, a sucessão familiar dos estabelecimentos. Desta forma, o processo de masculinização rural, quando ocorre de forma intensa e contínua, pode comprometer a própria sustentabilidade social destes territórios. A seletividade feminina do êxodo rural, principal causa da masculinização rural atual, costuma receber várias explicações por parte dos estudiosos da temática. Entre estas, se pode mencionar as posições que apontam a recorrência do patriarcado ser mais evidente nas condições rurais, atribuindo culturalmente ao homem o papel produtivo, do trabalho na lavoura e na lida campeira; e à mulher, o papel reprodutivo, dos afazeres domésticos e do cuidado dos filhos.

Pierre Bourdieu (2006) em pesquisas realizadas no Sudoeste da França (Béarn) na década de 1960 e retratadas no texto “O Camponês e seu Corpo”, onde analisava a questão das trocas matrimoniais como uma manifestação da transformação da sociedade e que residir em um determinado local (*bourg* - cidade ou *hameaux*- aldeia), além de características sociais, econômicas e psicológicas interferia na questão do celibato.

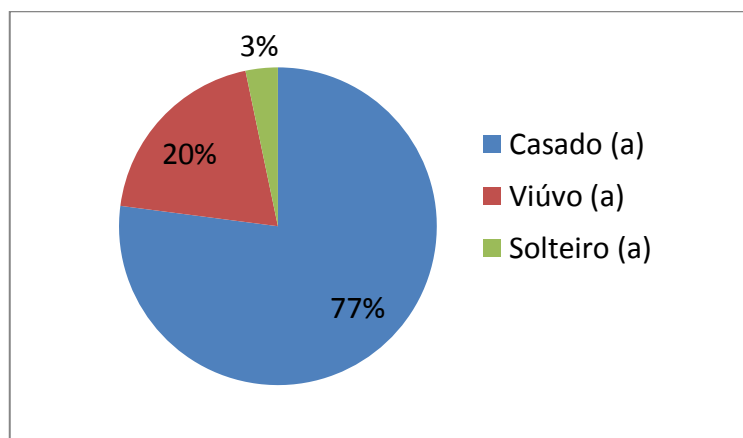
Mais adiante, Bourdieu, considera que o modelo de vida urbano era mais atrativo para as mulheres rurais do que para os homens, principalmente porque as mulheres saíam em busca

de escolarização, emprego talvez este seja os motivos pelos quais hoje, no meio urbano, o fenômeno do envelhecimento seja predominantemente feminino.

Importante ressaltar que a mecanização da agricultura brasileira no contexto da Revolução Verde desvinculou a mulher dos meios de produção do campo, isto é, fazendo um retrospecto deste momento, havia no campo brasileiro uma situação de subordinação em relação ao homem (BRUMER *et al*, 2002).

Quando analisado em relação ao Estado Civil 77% dos idosos (as) eram casados, seguidos de 20% viúvos. Este dado se torna importante em se tratando de idosos (as), pois ter o apoio de um parceiro ou parceira se torna fundamental no processo do envelhecimento, trazendo-lhes segurança, companhia, afeto nesta fase da vida.

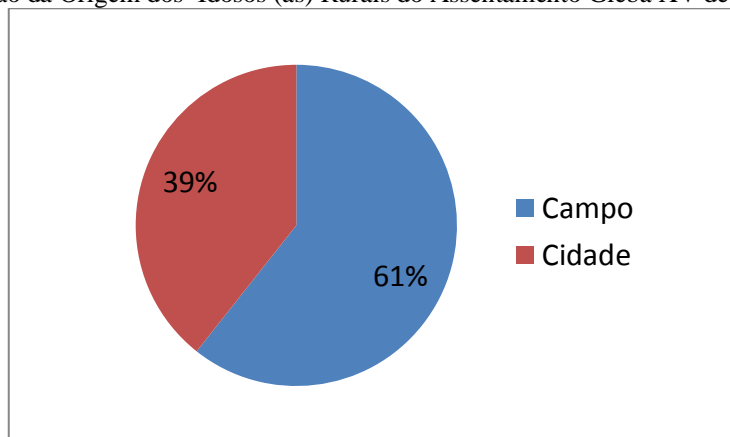
Figura 1 – Distribuição do Estado Civil dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Em relação à origem, a maioria dos idosos (as) afirmara serem provenientes do meio rural (61%). Em relatos durante o trabalho de campo, notou-se que a maioria deles eram advindos de regiões rurais do Nordeste brasileiro, estes vinham para trabalhar como assalariados rurais em lavouras de algodão, café, além de trabalharem nas barragens de usinas hidrelétricas da região Oeste Paulista (Pontal do Paranapanema) entre as décadas de 1960 a 1980 (Figura - 2).

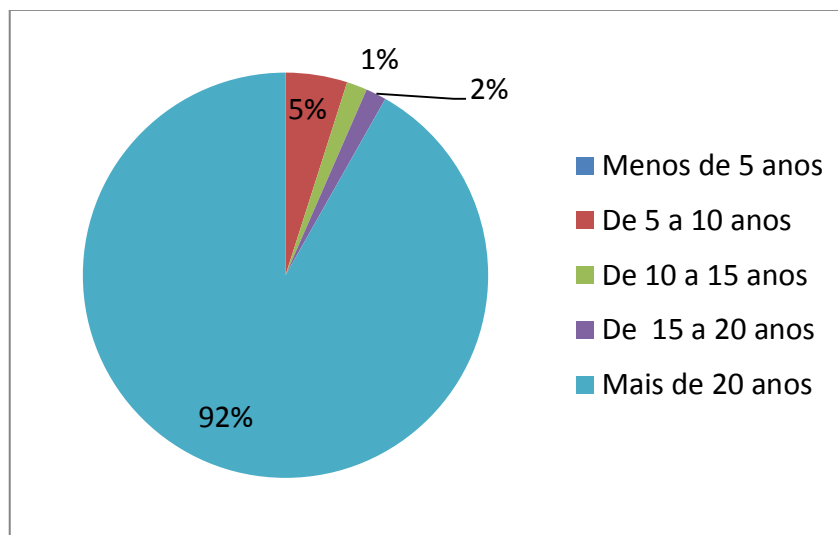
Figura 2 – Distribuição da Origem dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Já em relação há quanto tempo residiam no Assentamento Gleba XV de Novembro 92% dos idosos (as) entrevistados residiam há mais de 20 anos. Notou-se que quando indagados sobre isso, a maioria dos idosos (as) relatavam estar no Assentamento desde sua origem e que ficaram acampados no Trevo de Euclides da Cunha Paulista, aguardando a desapropriação da antiga fazenda Tucano e Rosanela (Figura – 3).

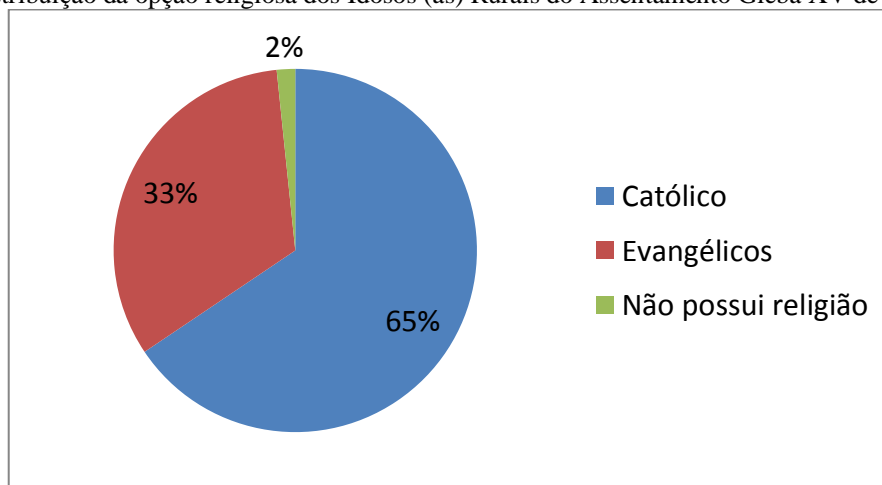
Figura 3 – Distribuição do Tempo de Residência dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Em relação à religião, registrou-se que 65% dos idosos (as) se consideravam católicos, seguidos por 33% de idosos (as) que se consideravam Evangélicos. Esta informação se torna importante ao analisarmos a religião e a religiosidade como um viés de bem estar emocional e psicológico, e que estes comportamentos subjetivos torna mais fácil a passagem pela fase da velhice. Além disso, a participação e integração de idosos a grupos formais e não formais de cunho religioso é fundamental para a interação social, estudos de Oliveira e Rodrigues (2010) afirmam que interagir socialmente nesta fase da vida torna-se essencial no que se diz respeito à qualidade de vida destes atores (Figura 4).

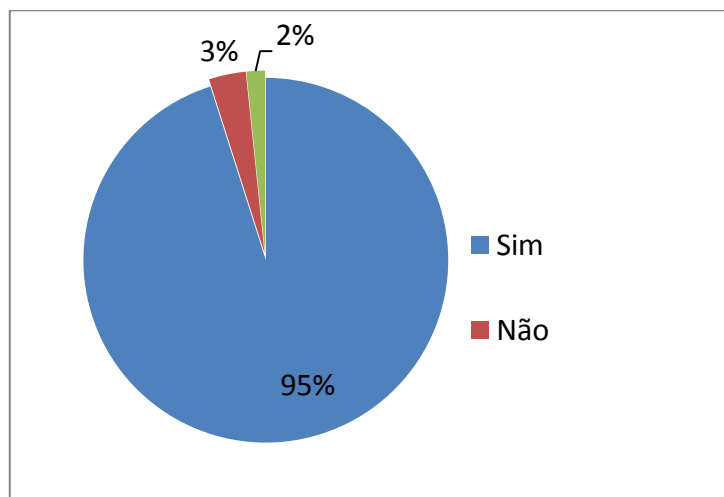
Figura 4 – Distribuição da opção religiosa dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Talvez o dado mais marcante até agora seja em relação ao Seguridade Social (Aposentadoria e Pensão), já que, 95% dos idosos (as) afirmaram receber o benefício, seguidos, por 2% de idosos (as) que eram pensionistas (Figura – 5).

Figura 5 – Distribuição da Seguridade Social (Recebimento de Aposentadoria e Pensão) dos Idosos (as) Rurais do Assentamento Gleba XV de Novembro.



Dados da Pesquisa (2018).

Viver no rural, especialmente para os idosos, é saber que a lida no campo será sempre contínua, que esta nunca cessará com a aposentadoria. Esse fator é importante para manter o idoso ativo e valorizado, a manutenção do trabalho para estes indivíduos é sinônimo de sentirem-se úteis e satisfeitos.

A questão da previdência social rural universalizada com a Constituição de 1988 trouxe para os idosos a chance de permanência no campo, diminuindo a saída destes indivíduos do meio rural. Em relação à aposentadoria, esta proporcionou transformações, nos padrões de consumo dos idosos por vezes, mudanças no modo de vida, uma melhoria significativa de qualidade de vida, dando-os a ideia de protagonismo frente à vida.

Ainda sobre as novas estratégias de vida que a aposentadoria trouxe, hoje, muitos idosos são considerados os chefes da família, já que, o benefício é usado para manter no meio rural, filhos, netos entre outros familiares, visto que muitas vezes estes familiares saem do campo em busca de emprego e oportunidades na cidade, não obtendo êxito, retornam ao campo. Mesmo que esta seja uma realidade muito comum em áreas rurais, por vezes esta relação se configura com o idoso passando a ser o mantenedor da família deixando de ser aquele que é assistido.

A previdência social rural foi e ainda é um importante dispositivo para a permanência dos idosos no campo, sabe-se que a aposentadoria rural se dá com idade mínima de 60 anos para os homens e 55 anos para mulheres<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Tramita na Câmara Federal sob o título de PEC 287 a Proposta de Emenda à Constituição que visa alterar as regras de aposentadoria no Brasil. Assinada por Michel Temer e pelo ministro da Fazenda Henrique Meirelles, a Reforma da Previdência é vista como uma ameaça à aposentadoria da população do campo. Segundo lideranças e agricultoras entrevistadas, as novas regras inviabilizam que a população rural acesse o direito à aposentadoria. Pelas as novas regras que podem ser estabelecidas pela PEC 287, o trabalhador e a trabalhadora rural só poderão se aposentar com idade mínima de 65 anos. E mesmo com 60 e 55 anos, esses camponeses só conseguirão aposentadoria se contribuírem mensalmente com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) por 25 anos. Mas caso queiram receber a aposentadoria no valor integral, terão que contribuir por 49 anos.

Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2017/02/20/reforma-da-previdencia-pode-ser-o-fim-da-aposentadoria-rural-afirmam-agricultores/>



O benefício da aposentadoria no meio rural, muitas vezes mantém toda família, isto é, muitas vezes é a única renda que sustenta desde o próprio idoso, até filhos, netos e mais agregados. Colocando-o muitas vezes como mantenedor do lar e não dependente, porém, quando pensamos em idosos com idade mais avançada, isto pode vir a comprometer seus recursos.

Por fim, pensar em uma velhice bem sucedida no rural, é pensar em ressignificar este meio tão rico, valorizando seus aspectos culturais, sociais, históricos, além é claro de dar voz a estes sujeitos, que são os idosos e idosas, dotados de experiência e sabedoria.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os resultados sejam preliminares, nota - se que o processo do envelhecer no campo é um fenômeno real e progressivo. Outro fenômeno que poderá contrapor estudos e pesquisas até então feitas é o fato do envelhecer no meio rural seja um fenômeno masculino (masculinização), mas que talvez este esteja se modificando e ficando feminino assim como o meio urbano, como apresentado nos dados do Assentamento Gleba XV de Novembro.

Outra questão importante que foi analisada é que a maioria dos idosos é advinda do campo, o que reitera que a maioria das pessoas tem em seu passado uma origem no meio rural. Vale dizer também que a questão religiosa é um aparato importante quando tratamos de idosos e idosas e seu envelhecer, sendo a religião e a religiosidade um artifício de apoio, fé e perseverança para estes sujeitos.

O resultado mais significativo e que vale atenção, é em relação ao acesso a seguridade social (aposentadoria e pensões), lhes garantindo acesso a bens e serviços, garantia de permanência na terra, possíveis melhorias nos lotes, entre outros quesitos.

Por fim, mesmo em se tratando de resultados iniciais é fundamental os idosos e idosas rurais sejam assistidos e beneficiados com políticas públicas e programas adequados a sua realidade a fim de lhes garantir qualidade de vida.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R., BALDISSERA, I. T., CORTINA, N., FERRARI, D., SILVESTRO, M., TESTA, V. M. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios—Chapecó. Brasília, 1997, mimeo (Convênio FAO-Incra/CPPP-Epagri).

BORGES, M. B. de O. **A produção de conhecimento sobre o envelhecimento humano: aspectos históricos e sociais.** 2007. 74 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2007.

BOURDIEU, P. **O camponês e seu corpo.** Rev. Sociol. Polit. [online]. 2006, n.26, pp.83-92. ISSN 0104-4478. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782006000100007>

BRASIL – IBGE - Síntese dos Indicadores Sociais: **Uma análise das condições de vida da população brasileira 2016- 2.**  
[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinte-seindicossociais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinte-seindicossociais2010/SIS_2010.pdf). Acesso em 15 de novembro de 2016.

BRASIL, ONU. **Em dia internacional, ONU pede fim do preconceito e melhores condições de vida para idosos.** 2016. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-dia-internacional-onu-pede-fim-do-preconceito-e-melhores-condicoes-de-vida-para-idosos/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

BRASIL. Agência IBGE Notícias. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Org.). **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Estatísticas Sociais. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017.html>>. Acesso em: 26 maio 2018.

BRUMER, A.; SOUZA, Rebeca H. Vergara de; ZORZI. Analisa. **Ficar ou sair: perspectiva futuras dos jovens do meio rural**. In: CONGRESSO DA ALASRU, 6, 2002, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre, 2002, p. 1.365–372.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L. "**Como vive o idoso brasileiro?**", in CAMARANO, A. A. (Org.) Os novos idosos brasileiros muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004, p. 25-76.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Makron Books, 1996. 308p.

FROEHLICH, J. M.; RAUBER, C. da C., CARPES, R. H. **Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na Região Central do RS**. Ciência Rural, v.41, n.9, p.1674-1680, set, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa em educação ambiental**. In: PHILIPPI JUNIOR, A.; PELICIONI, M. C. F. (Org.). Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri: Manole, 2005. p. 577-598.

GONZALEZ, C. A. G. **Envelhecimento demográfico e mudanças na transição à velhice entre brasileiros de distintas gerações**. 2014. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281285/1/Guidotti\\_Gonzalez\\_Carolina\\_Alondra\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/281285/1/Guidotti_Gonzalez_Carolina_Alondra_D.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2016.

LEBRÃO M.L., DUARTE Y.A.O. (org). **O Projeto SABE no Município de São Paulo: uma abordagem inicial**. Brasília: OPAS/MS; 2003.

MELO, H. P. de; KRETER, A. C. **QUEM SÃO? COMO VIVEM OS IDOSOS BRASILEIROS DO SÉCULO XXI? UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO**. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, São Paulo, v. 1, n. 1, p.1-18, 23 mar. 2016.

NASRI, F. **O envelhecimento populacional no Brasil**. Einstein, São Paulo, v. 6, p. 54-56, 2008. supl. 1. Disponível em <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=516986&indexSearch=ID>>. Acesso em: 20 out. 2015.